



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

DANILO SQUEFF MERLIM

MEDIUNIDADE NO DIVÃ

Porto Alegre
2021

DANILO SQUEFF MERLIM

MEDIUNIDADE NO DIVÃ

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann

Porto Alegre
2021

DANILO SQUEFF MERLIM

MEDIUNIDADE NO DIVÃ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 18 de novembro de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann – Orientador _____
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Vera Lúcia Pasini _____
Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a Deus, pela vida e pela oportunidade de estar encarnado. Agradeço também a todos que colaboraram para a ampliação da consciência da humanidade. Agradeço ao professor Amadeu de Oliveira Weinmann, pela coragem e sabedoria. Agradeço a todos que passaram pela minha vida e que contribuíram, de uma forma ou de outra, para a realização deste trabalho.

MERLIM, Danilo Squeff. **Mediunidade no divã**. Orientador: Amadeu de Oliveira Weinmann. 2021. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

RESUMO

Este trabalho discorre a respeito da relação entre psicologia e mediunidade, tema que, embora tenha sido abordado nos primórdios da psicologia, foi relegado a segundo plano. Discute, especialmente, como a mediunidade é vista e interpretada pela psicologia, e como ela é escutada clinicamente. A metodologia adotada para a elaboração do trabalho foi a pesquisa bibliográfica nos principais bancos de dados. Foi constatado que há inúmeras interpretações a respeito da mediunidade pela psicologia, embora nenhuma a explique em sua inteireza. Desse modo, conclui-se que há necessidade de realização de mais estudos para melhor compreensão do tema.

Palavras-chave: Mediunidade, Psicologia, Escuta clínica.

MERLIM, Danilo Squeff. **Mediumship on the divan**. Advisor: Amadeu de Oliveira Weinmann. 2021. 32 s. Course Conclusion Paper (Graduate in Psychology) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

ABSTRACT

This work discusses the relationship between psychology and mediumship, a theme that, although approached in the early days of psychology, was relegated to the background. It especially discusses how mediumship is seen and interpreted by psychology, and how it is listened to clinically. The methodology adopted for the elaboration of the work was the bibliographical research in the main databases. It was found that there are numerous interpretations of mediumship by psychology, although none explain it in its entirety. Thus, it is concluded that there is a need for more studies to better understand the topic.

Keywords: Mediumship, Psychology, Clinical listening.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. MEDIUNIDADE: O QUE É?.....	10
3. MEDIUNIDADE E PSICOLOGIA.....	13
4. ESCUTA CLÍNICA DA MEDIUNIDADE.....	18
4.1 MEDIUNIDADE E PSICOPATOLOGIA.....	21
4.2 A IMPORTÂNCIA DA MEDIUNIDADE PARA O PACIENTE.....	23
4.3 SIGNIFICAÇÃO DOS PROCESSOS MEDIÚNICOS.....	24
5. CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

A psicologia, nos primórdios do que se entende por essa área do conhecimento, estava intimamente ligada ao que se chamava de “estudo da alma”, sendo esta, inclusive, a tradução literal da palavra psicologia. Podemos dizer que, há muitos séculos, a humanidade vem se deparando com questionamentos sobre sua constituição, sobre o pensamento, sobre a razão de atitudes, causas de sofrimentos. Ao atravessarmos os séculos, veremos que a forma como pensamos o sujeito vem sendo também influenciada pelo processo histórico e social de cada época.

Nessa senda, a psicologia como ciência separa-se da filosofia no final do século XIX e, desde então, vem sendo estreitamente associada ao racionalismo científico comum aos dois últimos séculos. Isso traz à psicologia inúmeras características próprias de investigação, assim como diversos preceitos. Aos poucos, a ligação com a filosofia foi sendo abandonada, tentando-se explicar as questões dentro de um espectro cada vez mais racional, como se a filosofia não fosse também um exercício de racionalidade.

Apesar disso, muitas das práticas iniciais da psicologia são consideradas, hoje, ultrapassadas, místicas ou não científicas. Fato é que, ainda assim, inúmeros psicólogos, filósofos, psiquiatras que ajudaram a delimitar o campo de estudo da psicologia pesquisaram assuntos agora rotulados de místicos, tais como: telepatia, astrologia, hipnose e estados alterados de consciência, inclusive o sonho.

Contemporaneamente, muito do que vemos é que esses assuntos perderam tração no meio acadêmico psicológico, que há muito vem relegando a segundo plano estudos sobre fenômenos tidos como místicos e/ou paranormais, quando muito, sendo estudados sob um viés antropológico. Isso é, em suma, limitante, tanto na formação clínica do psicólogo, quanto no aspecto de que, sendo um fenômeno social, o paciente pode vir desse universo e não ter essa parte de sua vida suficientemente analisada, devido a um problema de formação do analista ou até mesmo patologização de alguma característica não suficientemente compreendida.

Entre os inúmeros fenômenos em que poderíamos nos deter, que fazem parte do sistema de crenças das pessoas e que mereceriam mais atenção por parte da psicologia, está a mediunidade – isto é, a crença de que uma pessoa poderia entrar em contato com entes, entidades, seres que já teriam morrido. Essa faculdade se manifestaria de inúmeras maneiras, através das quais esse contato ocorreria. Não

cabe adentrar todas as formas de mediunidade, mas há algumas dezenas catalogadas e cada uma com suas particularidades.

Ora, se entendermos que alguém entra em contato com os mortos, como diferenciar isso de um delírio? Como saber se não há um aspecto esquizoide? Ainda, se a pessoa em seu cotidiano, alega sentir coisas, ver, ouvir vozes, receber mensagens de seres espirituais, como entender isso? Apenas olharíamos para isso, caso gere algum sintoma mais sério? Se a pessoa começa a relatar isso, como entender se há um processo patológico ou se é alguma questão mediúnica envolvida? Deve a psicologia se preocupar com essa questão? Necessitamos saber mais a esse respeito? Até que ponto a escuta de tal demanda é importante para o analisado? O que fazer nesses casos?

Como um fenômeno psíquico (ou, no mínimo, no qual a psique está altamente envolvida, se não é justamente o próprio fenômeno), é importante que a psicologia se debruce sobre a mediunidade com profundidade para não incorrer em preconceitos ou reducionismos, seja qual for a ótica psicológica da abordagem. Nesse sentido, inúmeras hipóteses já foram elaboradas a partir dos estudos da mediunidade e da paranormalidade. Na revisão bibliográfica feita para este trabalho, encontramos como principais as seguintes formas de explicação: um fenômeno através do qual ocorreria uma experiência dissociativa; haveria uma personalidade inconsciente que se manifestaria através da mediunidade; seria uma experiência inventada e interpretada pelo médium a fim de algum gozo; uma patologia. Todavia, é do nosso entendimento que todas essas perspectivas se deparam com algumas limitações ao explicar o fenômeno, por exemplo: como justificar detalhes que o médium não teria como saber? Se há outra personalidade, por que somente se manifestaria nesse contexto? Se há uma patologia, por que os efeitos benéficos e o sentido de propósito presente em inúmeros médiuns? Conseqüentemente, entendemos que, independentemente da interpretação psicológica, há falhas conceituais que não explicam totalmente o fenômeno.

O presente trabalho procura abordar, justamente, essa problemática entre a concepção racionalista da psicologia e o fenômeno da mediunidade e das religiões mediúnicas no Brasil. Cumpre salientar que compreendemos ser tal questão de suma importância, posto que um a cada sete brasileiros é simpatizante de alguma religião mediúnica (BERNARDO, 2019; PRANDI, 1991). Vale ressaltar, também, que muito do

desejo em discutir esse tema provém do fato deste autor frequentar e trabalhar como médium em centros espíritas há aproximadamente 15 anos.

A metodologia deste trabalho foi desenvolvida através da revisão bibliográfica narrativa do assunto, que não é extensa. Na pesquisa bibliográfica feita, poucos artigos e teses sobre o assunto foram encontradas e, em sua maioria, têm menos de 20 anos de publicação. Na plataforma Scielo, por exemplo, só foram encontrados 14 artigos que tratam do tema mediunidade, enquanto na Pepsic foram encontrados apenas sete. Desses artigos, nessas e em outras plataformas, foram encontrados poucos que seriam de interesse para o presente estudo, posto que muitos não se dedicam ao aprofundamento da relação da questão psi com a mediunidade.

2. MEDIUNIDADE: O QUE É?

Fenômenos sobrenaturais, relatos de pessoas que conseguiram contatar de alguma forma o divino e experiências psíquicas associadas a alguma força sobrenatural são relatados na história, desde a Antiguidade, pelo menos. Nessa linha,

(...) [e]mbora ocorrências referidas como fenômenos psíquicos venham sendo registradas desde a Antiguidade, estudos mais sistemáticos têm sido desenvolvidos em épocas mais recentes. Além do mesmerismo (séculos XVIII e XIX) e do espiritualismo (séculos XIX e XX), a pesquisa psíquica se desenvolveu no último quarto do século XIX. (ALVARADO, 2013, p. 157)

Portanto, sob os mais variados nomes e aspectos, fato é que esses fenômenos acompanham a história e a evolução da sociedade humana desde sempre, apenas tendo sido objeto de estudo mais apurado mais recentemente, em especial nos últimos 170 anos.

Como é um objeto de estudo muito amplo e, dependendo do contexto cultural e religioso, pode ser tratado e interpretado por muitos nomes, impõe-se uma necessidade inicial de conceituar esse fenômeno, assim como trazer à baila alguns conceitos elaborados por algumas dessas doutrinas e religiões que têm suas práticas altamente centradas ou dependentes da mediunidade. Para essa missão um tanto árdua, traremos conceituações adjacentes para melhor delimitar esse objeto de estudo.

Um ponto a ser considerado, inicialmente, é a paranormalidade e sua correlação com a mediunidade em nosso país. Na cultura brasileira, não há um estudo sobre fenômenos paranormais muito em função das religiões mediúnicas amplamente praticadas aqui (como candomblé, umbanda, espiritismo, catolicismo carismático, entre outras). Isso porque boa parte de fenômenos tidos como paranormais encontram explicações nessas religiões. Portanto, em nosso país, muitos dos fenômenos relacionados à paranormalidade são explicados pela mediunidade, o que demonstra, mais uma vez, a relevância do estudo de tal tema (PEREIRA; MENGARDA; MARQUES, 2014).

Contemporaneamente, uma das principais doutrinas ou religiões que se dedica a estudar esse fenômeno em profundidade e a elaborar todo um arcabouço teórico, com a intenção de ser uma investigação científica desse fenômeno, é a doutrina espírita inaugurada em 1857 pelo professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec. O professor Rivail, através de um método próprio de investigação, procurou sistematizar os conhecimentos e conceitos da doutrina, a partir

do que fora ditado pelos espíritos através da mediunidade de diversos médiuns, em diferentes contextos e culturas, procurando sempre, atestar esses conhecimentos ou deixá-los para serem oportunamente estudados pela ciência.

Tendo em vista esse caráter de não negar a ciência, nem de tentar se contrapor ao conhecimento científico, além dos vários estudos, inclusive científicos, sobre mediunidade, entendemos que a noção de mediunidade da doutrina espírita, para o que se propõe o presente trabalho, é a mais adequada no momento.

Diversos livros da doutrina espírita tratam a respeito da questão da mediunidade. Em *O evangelho segundo o espiritismo*, a mediunidade é colocada como “(...) inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar.” (KARDEC, 2013, p. 296). Consequentemente, seria a mediunidade uma condição orgânica concedida por Deus. Parte-se, então, da noção de que todos teriam essa disposição, estando ela intimamente ligada, inclusive, a questões biofisiológicas.

É na obra *O livro dos médiuns* que encontramos uma elaboração mais rica a respeito da mediunidade, do médium e das formas de mediunidade. Nela, Kardec (2003) define:

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. (KARDEC, 2003, p. 234-235)

O trecho citado retrata as características desse fenômeno dentro do entendimento espírita, a saber: sua inerência à condição humana; enorme variedade dos fenômenos ditos mediúnicos; a ligação da mediunidade com a influência e contato com espíritos ou seres imateriais. Seria uma tarefa hercúlea tentar falar aqui sobre os mais variados tipos de mediunidade e sua relação com a psique. Como nosso objetivo aqui não é explorar todos os tipos de mediunidade e sua relação com a psicologia, entendemos, para fins deste trabalho, a mediunidade como uma comunicação entre espíritos e pessoas, sendo este também um conceito-base usado por outros autores para discorrer sobre o tema. Mais ainda que isso, entendemos que,

(...) em meio a um campo polissêmico dominado por diferentes tradições e concepções sobre esse fenômeno, a mediunidade pode ser definida como uma gama de experiências espirituais nas quais os sujeitos alegam estabelecer uma comunicação com seres não materiais, como espíritos de pessoas falecidas ou de outra natureza. (SCORSSLINI-COMIN; CAMPOS, 2017, p. 365)

Por ser fenômeno tão complexo e interpretado de inúmeras maneiras dependendo do contexto cultural e religioso em que está inscrito, seria inviável o estudo exaustivo do tema. Portanto, para fins de aprofundar o estudo e delimitar o objeto de forma mais satisfatória, a ideia de discutir a mediunidade como uma forma de comunicação com seres imateriais parece a mais adequada para este trabalho. Caso contrário, poderíamos incorrer em uma amplitude de fenômenos tão grande que se tornaria impossível para esta monografia abordar, de forma satisfatória, quaisquer um deles.

Outro aspecto fundamental, ao abordarmos esse assunto, é entendermos que a mediunidade é tida, por muitas dessas religiões e por seus adeptos, como "(...) um canal através do qual o mundo dos espíritos se revela e se torna conhecido ao mundo dos homens, o que dentro da fenomenologia da religião se configura como a forma como o mundo sagrado se revela ao mundo profano." (CUNHA, 2013, p. 76). A mediunidade serviria, assim, como um portal através do qual o humano e o divino se comunicam, no qual é permitido ao homem, falho e profano, conhecer do divino, seja para melhor orientar sua vida, seja para auxiliar os demais.

Uma vez delimitado esse conceito à experiência de comunicação entre o médium e o divino, entre o médium e outros seres, podemos melhor abordar a experiência mediúnica à luz da psicologia. Tal estudo seria inviável, se considerássemos a mediunidade de uma forma tão ampla e complexa quanto a sua multidimensionalidade (CUNHA, 2013).

3. MEDIUNIDADE E PSICOLOGIA

Ao estudarmos a história da psicologia e da psiquiatria, veremos que ambas usufruíram de uma variada gama de fenômenos não explicados ou pouco explicados, para então desenvolverem conceitos mais aprofundados. Inúmeros estudos surgiram a partir de fenômenos como histeria e transe mesmérico, possibilitando uma maior compreensão sobre a mente. Nessa via, a mediunidade também teve lugar nas pesquisas psicológicas e psiquiátricas iniciais, conforme apontam Carlos Alvarado e colaboradores (2007):

(...) os fenômenos mediúnicos, tais como os transe e as manifestações verbais ou escritas atribuídos a espíritos dos mortos, contribuíram para o desenvolvimento de conceitos como o de mente subconsciente, processos de dissociação e concepções teóricas relacionadas à psicopatologia durante os séculos XIX e XX. (ALVARADO *et al.*, 2007, p. 43)

Logo, é importante ressaltar que a psicologia e a psiquiatria, em especial as do século XIX, muito se debruçaram sobre esses temas e, a partir deles, conseguiram desenvolver alguns conceitos de forma mais elaborada, tendo em vista as particularidades dos fenômenos ora observados. Consequentemente, há alguns conceitos que nascem umbilicalmente articulados aos estudos dos fenômenos “sobrenaturais”, “mediúnicos” e essa ligação mútua alimentou inúmeros estudos.

No mesmo sentido, Marcelo Pimentel, Klaus Alberto e Alexander Moreira-Almeida (2016) afirmam que:

Por várias décadas no século XIX, os fenômenos psíquicos foram tema de intensa investigação e debates, gerando um grande número de publicações. Essas discussões envolveram diretamente a classe médica e representantes da nascente psicologia. Os fenômenos psíquicos forneceram um amplo leque de experiências que se tornaram objeto de investigação das nascentes ciências da mente. Foram levantadas e debatidas diversas hipóteses explicativas que, embora não se tenha chegado a consenso ou paradigma aceito pela maioria dos investigadores, tais discussões trouxeram implicações para a compreensão da mente e seus transtornos, notadamente na área do inconsciente e da dissociação. Embora pouco conhecidas na atualidade, essas investigações constituem parte importante da história da psicologia e da psiquiatria. (PIMENTEL; ALBERTO; MOREIRA-ALMEIDA, 2016, p. 1127)

Inúmeros autores célebres da área “psi” estudaram a mediunidade e o conteúdo das comunicações mediúnicas, sem, todavia, chegar a uma conclusão comum, seja considerando a mediunidade uma patologia seja não excluindo, ainda que não provando a existência, a comunicação com algum espírito. Nessa esteira,

(...) pode-se perceber que o tema mediunidade já recebeu séria atenção de alguns dos principais autores da área mental, que não chegaram a uma

posição comum. Podemos, didaticamente, separar suas conclusões em três grupos:

- Janet e Freud: as experiências mediúnicas são patológicas e fruto exclusivo da atividade do inconsciente do médium; não há a participação de qualquer faculdade paranormal.

- James e Jung: a mediunidade não é necessariamente patológica, teria origem no inconsciente do médium, mas não foi excluída a possibilidade de uma origem paranormal, inclusive a real comunicação de um espírito desencarnado. Reforçam a necessidade de maiores estudos.

- Myers: a mediunidade pode ser evidência de um desenvolvimento superior da personalidade, e suas manifestações teriam origem em um misto de fontes (inconsciente pessoal, telepatia e comunicação de espíritos desencarnados). (ALMEIDA; LOTUFO NETO, 2004, p. 137)

Além desses consagrados autores, outros podem ser destacados, como elenca Alexander Moreira-Almeida (2013):

A investigação da mediunidade e a discussão das suas implicações para as relações mente-cérebro têm envolvido, por mais de um século, um grande número de intelectuais e cientistas de alto nível, tais como William James; Frederic W. H. Myers; Alfred Russell Wallace, Cesare Lombroso, Alexander Aksakof, Allan Kardec, William Crookes, Camille Flammarion, James H. Hyslop, Johann K. F. Zoellner, Gabriel Delanne, Oliver Lodge, Pierre Janet, C. G. Jung, Theodore Flournoy, William McDougall, J. B. Rhine, Hans Eysenck e Ian Stevenson. Entre os pesquisadores, estão ganhadores do prêmio Nobel como Charles Richet, Pierre Curie and Marie Curie, J. J. Thomson, Henri Bergson, and Lord Rayleigh. Embora pouco conhecidas na atualidade, essas investigações proporcionaram muitas contribuições à psiquiatria e à psicologia, sendo importantes para o desenvolvimento de vários conceitos atuais ligados à mente, tais como dissociação, histeria e inconsciente. (MOREIRA-ALMEIDA, 2013, p. 233)

Dentre os diversificados estudiosos que se debruçaram sobre o tema, cada um chegou a uma conclusão diferente, partindo também da ideia que tinham a respeito de sujeito. Não houve uniformidade de entendimento ou sequer uma direção que apontasse para a compreensão coesa dos fenômenos mediúnicos ou para uma abordagem madura do tema. Esse papel marginal de estudo permanece na atualidade, sendo um assunto pouco estudado e compreendido pela área psi (ALMEIDA; LOTUFO NETO, 2004).

Consequentemente, temos um campo amplo de estudo, que ainda possui necessidade de maior aprofundamento por parte da área psi. Poder-se-ia dizer que não há tal necessidade, entretanto, é de se ressaltar que, no Brasil, segundo dados do IBGE e da Federação Espírita Brasileira (FEB), há cerca de 4 milhões de espíritas e em torno de 30 milhões de simpatizantes, além de 500 mil praticantes de religiões de matriz africana (ABRADE, 2021; BERNARDO, 2019). Somado a esse contingente, ainda entram os católicos carismáticos e algumas neopentecostais, que totalizam, aproximadamente, 65 milhões de pessoas. Estamos a falar de praticamente 100 milhões de brasileiros que são adeptos de alguma dessas religiões ou ao menos

simpatizantes delas; trata-se, praticamente, de metade da população brasileira. Logo, boa parte da população brasileira presencia, vivencia ou até mesmo pratica a mediunidade.

Ora, considerando que esse fenômeno faz parte do cotidiano religioso, sob inúmeros aspectos, de quase metade da população brasileira e que a psicologia, em especial a psicanálise, vem deixando esse tema passar ao largo de estudo, entendemos que é algo a ser estudado, posto que faz parte, de alguma maneira, da vida de uma parte considerável da população do nosso país.

Sendo uma temática altamente praticada e vivenciada pela população, causa estranhamento que há poucos estudos a esse respeito. O que poderia explicar então esse sumiço da academia? Reginaldo Prandi (1991) tem importante contribuição para entendermos um pouco o porquê dessa marginalização. Na sociedade contemporânea, vivemos sob um ideal não místico e não mágico, muito menos religioso – em suma, não há espaço para Deus, para o sagrado e para a transcendência. Esse homem moderno vive, trabalha, consome e investe em si. Marginalmente a esse homem, no nosso país, sobretudo nas periferias, mas não somente nelas, um outro universo existe; um universo onde o contato com o sagrado, Deus, Orixás, Caboclos tem espaço, voz e corpo. Nesse universo, no qual vivem muitos dos que são marginalizados por essa mesma sociedade que não encontra espaço para Deus, é que surge uma forma de vida mais mágica. Mais ligada a forças sobrenaturais e na qual essas pessoas também fazem pertença a determinado grupo, constituem sua comunidade (PRANDI, 1991). Nesse sentido,

[n]ão há mais uma só referência para se viver e organizar a vida, nem há um modelo religioso único capaz de dar sentido completo à cidade, mesmo porque o sentido da cidade não é religioso, porém dessacralizado, laico, profano. Mas a presença massiva da religião na cidade, uma aparente contradição, mostra bem como se constitui o leque de possibilidades de sentido: a cidade não precisa mais de deus, mas, para aqueles que a própria cidade deserda e desampara, deuses de todo tipo e rito podem ser fartamente encontrados. (PRANDI, 1991, p. 68)

Em linha de conclusão, o autor refere que

[b]astante significativo também é o fato de que estas modalidades religiosas tão atraentes para as massas urbanas – vale repetir, o pentecostalismo, a umbanda, o candomblé, o catolicismo carismático – fazem uso da prática do transe, quer seja transe de orixás, caboclos, guias ou o Espírito Santo, uma prática ritual, coletiva que apaga temporariamente a identidade do ser humano para pôr no lugar uma outra, referida ao mundo sobrenatural, e talvez mais satisfatório, como se a imagem terrena que cada um tem de si mesmo e do outro fosse pobre demais; como se os papéis sociais não-religiosos vividos fossem insuficientes para se alcançar o sentido da nossa própria sociedade. (PRANDI, 1991, p. 70)

Alexander Moreira de Almeida (2004), em estudo pioneiro e que contou com grande amostra de médiuns, pensa em sentido ligeiramente contrário, ao reforçar que,

(...) na medida em que se incrementa o nível educacional dos estratos populacionais, [aumenta] a proporção de espíritas. Tais dados são refletidos nos bons níveis de adequação social encontrados em nosso estudo com a EAS. Nossos achados questionam, pelo menos em alguns casos, a hipótese de que a vivência mediúnica seria uma forma de compensação e de busca de reforço social por populações menos favorecidas socialmente (ALMEIDA, 2004, p. 102)

Logo, em que pese a contribuição de Prandi (1991), dados mostram que, ao menos no universo espírita, o corte sociodemográfico não se dá apenas entre os excluídos, mas atinge, sobretudo, uma população mais letrada. Dessa forma, não estaria a psicologia, como uma produção também essencialmente urbana, dentro de uma lógica de sujeito capitalista, relegando assunto importante para a marginalidade? Ou as pessoas que aparecem nos consultórios clínicos não fazem parte desses grupos? Ou estaria a psicologia, ainda impregnada pelo racionalista científico, ignorando o assunto? Não há uma resposta clara na literatura a esse respeito, porém fica evidente que algo vivido por parcela importante da população brasileira não poderia ficar de fora de estudos mais aprofundados do tema.

Para trazer um pouco mais de luz a essa aparente marginalidade do assunto, é importante traçarmos alguns paralelos históricos que contribuem para a compreensão de como chegamos a esse ponto. No Brasil, até o final da metade do século XX, a psiquiatria do eixo Rio-São Paulo, teve uma postura extremamente combativa e patologizante das práticas mediúnicas. Uma das explicações é que tanto a psiquiatria quanto o espiritismo buscavam o seu lugar ao sol na sociedade nos mais variados meios, sendo antagônicas suas interpretações a respeito de alguns fenômenos, em comparação com as de outras áreas. Mais ainda, havia conceitos distintos especialmente em relação à mente, o que gerava uma forte fonte de conflito. Consequentemente, a disputa por alguns saberes acabou levando ambos a também procurarem disputar espaço na academia. Com a ascensão no meio científico e a conquista do espaço da academia, em especial a partir da segunda metade do século XX, a disputa arrefeceu, tendo a psiquiatria conquistado seu espaço junto à sociedade de forma científica, e o espiritismo, assim como a mediunidade, ficaram com o campo religioso. Desde então, os estudos que se debruçaram a respeito da mediunidade têm “aliviado” a crítica, posicionando-se tendencialmente a entender a mediunidade e as

religiões mediúnicas como uma prática cultural (ALMEIDA; ODA; DALGALARRONDO, 2007).

Em sintonia com isso, observamos que, de acordo com algumas bases de dados, apenas a partir dos anos 2000 é que há um aumento expressivo das publicações acadêmicas que abordam o tema da mediunidade sob alguma ótica científica. Não é de se estranhar, contudo, que a grande maioria das publicações se deram justamente no campo da psiquiatria (MORAES; ZANATTA; HUMPHREYS, 2015).

Ainda que alguns autores não excluam a possibilidade da comunicação mediúnica ter origem sobrenatural, de forma quase unânime, a psicologia entende que não há o espírito comunicante e que os conteúdos manifestados são do próprio médium, embora isso não esgote as possibilidades do fenômeno. Na doutrina espírita, chama-se animismo quando o conteúdo da comunicação mediúnica está impregnado de características do próprio médium, sendo as mensagens anímicas diferentes das mensagens mais “puras”. Além disso, é importante observar que sejam mensagens tidas como puras ou não, o conteúdo delas, assim como o próprio médium serão acolhidos e instruídos na reunião mediúnica, cabendo o mesmo na prática clínica (VERGÍLIO; HOLANDA, 2010). Portanto, somos aqui convocados a uma postura essencialmente de acolhida das manifestações, independentemente de acreditarmos nelas ou não.

4. ESCUTA CLÍNICA DA MEDIUNIDADE

Tendo em vista o exposto até aqui, é possível evidenciar, de forma suficientemente elucidativa, que a experiência mediúnica ainda é uma zona obscura para a prática psi, havendo variadas interpretações e análises do sujeito médium.

Não se pode falar em processo analítico sem falar da escuta. De fato, dentro da psicanálise, aponta-se, geralmente, um tripé baseado na análise, no estudo da teoria e na supervisão. Essa escuta busca entender o que se passa no outro, no sujeito do inconsciente, e isso é uma das principais contribuições da psicanálise: o entendimento de que, através da palavra, é possível conhecer conteúdos inconscientes da mente do paciente e que é justamente nesse campo que os principais sintomas e sofrimentos surgem. Assim, a palavra direcionada ao analista busca a escuta e a interpretação do analista, a fim de ressignificar o sofrimento. A ética da escuta psicanalítica impõe, ainda, que exista, da parte do analista, uma postura de evitar julgamentos e caminhos fáceis, fazendo, sim, com que o indivíduo questione e reflita, e auxiliando-o no processo de recontar sua história, ressignificando-a. Poderíamos, *a priori*, entender que não há uma problemática na escuta da mediunidade por parte da escuta analítica; entretanto, não entendemos dessa forma (MACEDO; FALCÃO, 2005).

As dificuldades que, porventura, o analista irá encontrar ao analisar qualquer caso clínico, via de regra, não colocam em xeque o próprio conhecimento dele sobre sujeito, inconsciente, fenômenos e transtornos psíquicos quanto a mediunidade. Na realidade, poucos são os problemas que testam de tal forma a psicologia e a psiquiatria quanto a mediunidade. Não à toa, há um conflito secular entre essas áreas de conhecimento com as religiões mediúnicas. Isso se deve muito pelo fato de que a mediunidade pode colocar em situação desconfortável o saber analítico, posto que reelabora conceitos e interações mente-corpo e consciente-inconsciente. Ela testa os limites do saber psi sobre seu próprio objeto de estudo. Poucos fenômenos tensionam tanto o saber psi quanto a mediunidade. Poder-se-ia argumentar que a escuta analítica, ao se propor a uma escuta individualizada dentro do campo de significados do paciente e que opta por não ter juízos prévios, pode dar conta dessa demanda. Cremos que sim, em larga medida, mas atualmente falta uma formação que proporcione um melhor modo de compreendermos fenômenos como a mediunidade,

que ficam relegados a uma certa paranormalidade, ainda não estudada e incompreendida pela ciência.

Recentemente, estudos como o de Almeida (2004), por exemplo, têm apontado que a prática mediúnica não é patológica e que carece de mais estudos, tanto para entendimento do fenômeno, quanto para o que pode dizer a respeito da mente e do inconsciente. Apesar da escassez teórica, fato é que, ao nos depararmos, no espaço da clínica, com pessoas que têm experiências mediúnicas, necessitamos entender melhor tanto a experiência em si, quanto como isso é para o analisado.

Nesse sentido, um fator inicial e importante de se destacar é que existem inúmeras práticas e vivências mediúnicas, e que cada pessoa as experimenta de um modo distinto, ainda que estejamos falando da mesma forma de mediunidade. Portanto, o caráter da singularidade da experiência é fundamental também para entendermos o quanto a vivência é ou não saudável para a pessoa, mesmo que não seja patológica.

Além disso, uma dificuldade que se impõe nessa escuta é que, ao menos para o paciente, estaríamos escutando uma parte sagrada de sua vida e as conexões que ele faz com isso são de igual forma sagradas. Logo, as possíveis conexões feitas no processo de análise, a partir do conteúdo trazido pelo analisado, teriam que se dar também no âmbito do sagrado para ele.

Essa dificuldade pode ocorrer, assim como ocorre quando analista e analisado são de culturas diferentes e há uma dificuldade de entendimento de símbolos e significados entre eles. Entretanto, a escuta da mediunidade no divã não estaria encerrada, caso o analista consiga estudar mais sobre a religião do analisado, posto que a fronteira do normal e patológico não resta superada na escuta.

Conseqüentemente, o analista se vê frente a uma situação delicada: se desconsiderar a questão do sagrado para o analisado, pode incorrer em erro na compreensão do paciente. Se entender tudo como conteúdo do inconsciente do analisado, perde a dimensão do sagrado, que é a dimensão com a qual o paciente se relaciona. Caso entenda como patológico, deixa de considerar os possíveis aspectos positivos, além de fenômenos que possibilitem ao paciente uma ressignificação de sua vida. Agora, caso desconsidere a dimensão patológica, frente a que estaria em termos de objeto de análise? Estaria frente a uma questão cultural? Um evento paranormal? Não sabemos e, frente a esse não saber, é que o analista pode ser convocado a refletir e a intervir.

Nessa linha, Moreira-Almeida e Etzel Cardeña (2011) têm importante contribuição no campo do diagnóstico diferencial entre as experiências espirituais e os transtornos mentais. A partir das conclusões do estudo, esses autores elaboraram uma recomendação de inclusão de texto na 11ª Edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-11), conforme os parâmetros descritos a seguir:

Considerando-se que crenças e experiências religiosas e espirituais podem afetar a saúde mental e a forma com que os pacientes lidam com problemas e transtornos mentais, e que experiências espirituais saudáveis podem apresentar características que se assemelham a sintomas dissociativos e psicóticos, é recomendável investigar o contexto e as crenças, práticas e experiências espirituais e religiosas do paciente. É fundamental desenvolver a competência cultural e o raciocínio clínico para compreender o sistema de referência cultural do indivíduo e analisar a relevância clínica de experiências que podem se assemelhar a sintomas dissociativos e psicóticos. Profissionais clínicos devem estar cientes de que a maioria das pessoas que relatam experiências anômalas, psicóticas ou dissociativas na realidade não sofre de transtornos psicóticos ou dissociativos. (MOREIRA-ALMEIDA; CARDEÑA, 2011, p. 27)

Portanto, parece ser imperioso que o analista, ao se deparar com esse fenômeno na clínica, procure estudar a religião e o contexto cultural em que está inserida a experiência mediúnica. Sem isso, como discorrem Moreira-Almeida e Etzel Cardeña (2011), haveria a possibilidade de causar mais danos que benefícios. Nesse sentido, entendemos que a pesquisa em torno do caso clínico é necessária para que o próprio analista possa ter uma linguagem que vise simbolizar as experiências vividas pelo paciente, remetendo-o, dentro de uma cadeia simbólica, à própria religião. Tal tarefa pode ser árdua, posto que “(...) verifica-se que a mediunidade apresenta várias dimensões de análise, sendo praticamente impossível a um profissional de uma única área ou campo avaliar de forma totalizante um fenômeno tão complexo.” (CUNHA, 2013, p. 112).

Conforme já pontuado, Freud inaugura a clínica analítica, através da qual um fala e o outro escuta e também fala, a fim de encontrar, através da palavra, o sofrimento do primeiro, buscando suprir nele essa demanda de auxílio. O que se impõe em relação à mediunidade é que esse conteúdo dessas falas não é tido como do paciente para o paciente e isso é de vital entendimento; o que ele produz, enquanto canal de comunicação mediúnica, não é seu, mas de outrem oriundo de um plano espiritual.

Fica evidente, portanto, que o sujeito mediúnico impõe suas peculiaridades à prática analítica, tendo em vista que “[u]m novo sujeito, o médium, tornou-se disponível para as investigações psicológicas experimentais que [envolvem] um novo

modelo de mente humana” (ELLENBER, 1970, p. 85 *apud* ALVARADO *et al.*, 2007, p. 50). Tais singularidades desse tipo de paciente reforça a noção de que estamos diante da necessidade de estudo mais aprofundado a respeito do tema.

4.1 MEDIUNIDADE E PSICOPATOLOGIA

Como visto anteriormente, boa parte dos estudiosos que se debruçaram sobre o tema em tela concluiu que o conteúdo das manifestações mediúnicas é, essencialmente, conteúdo do próprio médium e que a mediunidade, em certa medida, teria algo de patológico. Com a análise bibliográfica aqui apresentada, constatamos que uma das causas dessas conclusões é o fato de que a psicologia e a ciência não concebem a existência de um espírito comunicante. Partindo dessa premissa, tudo é considerado conteúdo do médium, ainda que isso não explique a ampla variedade de informações trazidas. Logo, sendo conteúdo do médium, poderíamos estar frente a um episódio dissociativo ou a um Transtorno de Dissociativo de Identidade (TID), de acordo com a literatura convencional.

Não é objetivo deste trabalho provar a existência ou a veracidade das comunicações mediúnicas, mas sim trazer uma contribuição no sentido de entendimento desse fenômeno pela área psi, em especial no espaço clínico, através da escuta. Sendo assim, é importante observarmos os estudos que retratam a mediunidade não como algo patológico, mas como algo cultural ou algo que carece de estudos mais aprofundados. Podemos afirmar que ainda falta uma pesquisa psíquica que investigue as propriedades da mente a partir de fatos e fenômenos que “(...) não são facilmente explicados por meio de processos psicológicos, físicos e fisiológicos convencionais.” (ALVARADO, 2013, p. 160).

Um dos principais autores a estudar os sujeitos médiuns foi Almeida (2004), que, em sua ampla pesquisa, analisou um grupo de médiuns e chegou a conclusões bastante importantes, a saber:

- 1) As mulheres representaram 75% da amostra pesquisada. Os médiuns apresentaram uma idade média de $48,1 \pm 10,7$ anos, um elevado nível educacional (46% de instrução universitária) e um baixo nível de desemprego. Os médiuns tendem a ter vários tipos de mediunidade coexistindo.
- 2) Os médiuns apresentaram baixa frequência de sintomas psiquiátricos e escores de adequação social pouco piores que uma população sem psicopatologia.
- 3) Sintomas Schneiderianos de primeira ordem para esquizofrenia foram muito frequentes, principalmente as vivências de controle externo. No

entanto, estas vivências não se associaram a outros indicadores de psicopatologia como desajuste social ou sintomas psiquiátricos pelo SRQ.

4) As experiências dissociativas dos médiuns foram associadas a bom controle de sua ocorrência e ausência de outros sinais de psicopatologia.

5) Os médiuns diferiram dos portadores de TID em quase todas as características associadas a este transtorno, o que sugere que sejam entidades distintas.

6) O surgimento das vivências mediúnicas num ambiente social onde estas não são bem aceitas e a ocorrência apenas num contexto religioso não se mostraram bons critérios de separação entre o sadio e o patológico. (ALMEIDA, 2004, p. 156)

Dentre as conclusões de tal estudo, destacam-se o bom controle de experiências dissociativas, a diferença entre médiuns e portadores de TID, e a constatação de que a ocorrência dessas vivências de forma saudável não está adstrita a um ambiente no qual são bem aceitas. Portanto, de acordo com a pesquisa de Almeida (2004), as principais conclusões dos grandes teóricos não se comprovariam frente à análise pormenorizada de inúmeros indivíduos médiuns.

Também nessa linha, em artigo de 2013, o mesmo autor sugere que há estudos que apontam para a necessidade de uma maior investigação da mediunidade, posto que há indícios de que as comunicações possam ser verdadeiras, ainda que suas causas não sejam conhecidas. Isso aponta para a necessidade de mais estudos, inclusive a respeito do que se entende por mente e consciência. Para o autor, “(...) é necessário que a pesquisa acadêmica, se realmente desejamos compreender a natureza humana, não exclua nenhum tipo de experiência humana, não importando quão estranhas elas possam parecer.” (ALMEIDA, 2013. p. 238). Além disso, Dureen Hughes (1992 *apud* ZANGARI; MARALDI, 2009) observa:

(...) os médiuns não exibem alto grau de psicopatologia, nem apresentam experiências dissociativas em grau mais elevado em frequência, apesar de suas experiências de transe. Apesar de tanto os médiuns quanto os portadores de desordens de múltipla personalidade estarem condicionados à dissociação ao nível dos processos mentais, eles diferem em relação à etiologia, função, controle e patologia. (...) Enquanto que para os portadores de desordens de personalidade múltipla a dissociação com co-consciência é idiossincrática e compulsiva, para os médiuns de transe a experiência dissociativa acompanhada de co-consciência é contextualizada culturalmente e está sob o controle da consciência do praticante. (HUGHES (1992, p. 191 *apud* ZANGARI; MARALDI, 2009, p. 247)

De acordo com Wellington Zangari e Everton Maraldi (2009), não é possível separarmos mediunidade de uma concepção psicossocial do fenômeno. Os autores apontam que, para sairmos de uma perspectiva patologizante desse fenômeno, visão com a qual não compartilham, é preciso que os estudos se realizem na seara do psicossocial. Segundo eles, é “(...) por meio de uma perspectiva psicossocial que se

chegará a uma compreensão mais efetiva das principais lacunas que cercam o campo dos estudos científicos sobre a mediunidade.” (ZANGARI; MARALDI, 2009, p. 249).

Outro aspecto interessante da mediunidade se dá quando esta encontra o corpo real. Nesse sentido, tanto as escritas psicografadas, quanto a mediunidade de incorporação, na qual o corpo do indivíduo está a serviço de alguma entidade espiritual, são de fundamental importância para a discussão do tema. Nesses casos, a mediunidade e a comunicação são recebidas diretamente pelo corpo do médium, o que, *per si*, transforma a relação com esse fenômeno, dando, literalmente, “corpo” ao sagrado.

4.2 A IMPORTÂNCIA DA MEDIUNIDADE PARA O PACIENTE

Evidentemente, cada caso clínico será tratado em sua individualidade e as pessoas podem se relacionar das mais variadas formas com os mais variados fenômenos. Entretanto, ao entendermos como a mediunidade funciona e qual lugar ela ocupa para boa parte dos médiuns, podemos ter uma noção melhor do analisando através desse fenômeno.

Estudos feitos com médiuns corroboram que, para quem é médium, a mediunidade ocupa um lugar de destaque em sua vida. Ela possibilita a vivência de um sentido de propósito de vida e, na maioria das vezes, é vivida de forma saudável, quando com entendimento e estudo aprofundado, seja qual for a religião. Além disso, estudos mostram que a maioria dos médiuns espíritas sente sua vida renovada e que muitas das características pessoais acabam se modificando a partir do estudo da doutrina e da prática mediúnica. Relatos sobre a mudança de como são percebidos socialmente também são importantes e comuns, pois passam a ser enxergados pela comunidade como pessoas dispostas a ajudar, fraternas e acolhedoras (SCORSOLINI-COMIN; SUZUKI, 2021).

Isso é facilmente observável nas religiões de matriz africana, nas quais, via de regra, começa-se cedo a vivência religiosa, encontrando nela, muitas vezes, o próprio desenvolvimento pessoal:

Dar início aos trabalhos nos terreiros não só faz parte do desenvolvimento das participantes, como caracterizam por si só o desenvolvimento, ou seja, nesse processo elas adquiriram concepções mais ampliadas e adaptadas do ambiente, motivaram-se a desenvolver novas atividades e sentiram-se mais capacitadas para lidar com as experiências e desafios constantes que aparecem em seu dia-a-dia, sejam eles relacionados à mediunidade ou não. É importante ressaltar que o trabalho como médium na umbanda demanda

das participantes o envolvimento dos quatro níveis nos quais o desenvolvimento humano acontece, dessa forma os níveis pessoal, processual, contextual e temporal estão constantemente implicados no exercício da mediunidade, modificando o ambiente em que elas se encontram e modificando-as para que estejam cada vez mais adaptadas ao meio que as circunscreve. (SCORSOLINI-COMIN; CAMPOS, 2017, p. 381)

Pelos estudos apontados, fica claro que a mediunidade para o sujeito médium é parte importante de sua vida e de seu desenvolvimento pessoal, muitas vezes sendo uma característica importante de sua personalidade o fato de se identificar como médium.

4.3 SIGNIFICAÇÃO DOS PROCESSOS MEDIÚNICOS

A necessidade de que os processos mediúnicos tenham significado é de suma importância, ainda que não seja condição imprescindível para que a mediunidade não traga sintomas patológicos. Não à toa, as religiões mediúnicas brasileiras se dedicam, em grande medida, a passar para os seus adeptos a compreensão desse fenômeno, através de estudos, iniciações e rituais que buscam aprimorar o médium, acolher sua manifestação mediúnica e dar sentido à experiência. Com isso, não estamos afirmando que a prática mediúnica é de uma ordem ou de outra, mas sim que esse fenômeno precisa ser suficientemente aceito, acolhido e entendido pelo médium/paciente, para que não venha a lhe causar sofrimento ou mesmo para que cause menos.

Embora não seja objetivo deste estudo provar a existência ou não dessas comunicações, ou atestar a veracidade da mediunidade, é importante ressaltar que um dos principais objetivos das religiões mediúnicas brasileiras é a busca pela validação da comunicação, pela veracidade dos dados passados. Ao retratar esse aspecto, no que diz respeito às religiões de matriz africana, Welthon Cunha (2013) pondera:

[o] fenômeno mediúnico está presente em diversas formas de religiosidade brasileira, como a umbanda, candomblé, espiritismo kardecista, omolokô dentre outros. Sua importância é tão relevante que a bibliografia destas religiões e os depoimentos colhidos por inúmeros pesquisadores junto a praticantes e fiéis destas formas de religiosidade mostram que existe uma preocupação permanente com a legitimidade do fenômeno, ou seja, com o fato que as entidades, guias, ou orixás que se manifestam sejam 'reais' e não 'teatralizadas' ou 'falsificadas', consciente ou inconscientemente, pelos médiuns. Não existe, por exemplo, umbanda sem a manifestação ou incorporação dos caboclos, pretos-velhos, exus dentre outros. São eles que legitimam, confirmam e abençoam os rituais. São eles que trazem os conhecimentos e magias da aruanda – o mítico mundo dos umbandistas, para o mundo dos vivos. (CUNHA, 2013, p. 11)

A doutrina espírita crê que o espiritismo e a ciência seriam complementares e uma ajudaria a explicar a outra, e entende que “(...) ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação” (KARDEC, 2013, p. 374). Cabe ressaltar, ainda, que o espiritismo coloca como ponto de estudo e reflexão na doutrina a necessidade da fé ser raciocinada e em permanente contato com a razão. Não à toa, as religiões mediúnicas brasileiras procuram, a todo momento, comprovação científica para a mediunidade, para Deus e para suas crenças (KARDEC, 2013, p. 255).

É interessante observar que algumas dessas religiões buscam na ciência a comprovação de seus ritos e fenômenos. Isso é importante também para constituir no sujeito mediúnico a segurança de suas comunicações e da certeza de sua mediunidade como algo não patológico. Há, ainda, a necessidade de estudo, tida por médiuns espíritas como um pilar importante para viver uma mediunidade de forma saudável e cada vez mais profunda. Nesse sentido, muitos apontam que a sua própria mediunidade vai se modificando e, após os estudos, muitos que relatavam uma vivência não saudável da mediunidade passaram a vivê-la de forma mais tranquila e equilibrada, apesar de ser um fenômeno sobre o qual não possuem controle (SCORSOLINI-COMIN; SUZUKI, 2021).

Podemos observar que ao menos o espiritismo foi criado a partir de um método e de critérios técnicos e teóricos construídos a partir da observação empírica dos fenômenos mediúnicos, com a posterior elaboração teórica desses fenômenos. Dessa forma, em contraposição a outras religiões mediúnicas, o espiritismo surge fortemente impregnado de uma metodologia que se propõe, a partir da ciência e da comprovação pela razão, a comprovar a experiência mediúnica (PIMENTEL, 2014). No mesmo sentido, tem-se destacada a relevância da abordagem espírita para com o médium/paciente e das reuniões mediúnicas espíritas como método para o exercício da mediunidade:

[a]s experiências dos entrevistados poderiam ter sido identificadas como patológicas, mas elas passaram a ser consideradas normais após a entrada para o Espiritismo não só dado o contexto religioso, mas também, e principalmente, pelo controle exercido sobre as mesmas que os entrevistados conseguiram alcançar. Isso mostra que, para os entrevistados, a participação nas reuniões espíritas é de alguma forma terapêutica. Reuniões mediúnicas espíritas: explorando significados e efeitos para seus participantes. (VERGILIO; HOLANDA, 2010, p. 181)

De acordo com o apresentado, denota-se que a experiência mediúnica, para muitos, torna-se natural a partir do momento que estão inseridos dentro de uma

religião que dá significado a essas experiências (VERGILIO; HOLANDA, 2010). Apesar disso, Almeida (2004) ressalta que, para boa parte dos indivíduos médiuns, essas vivências serem boas ou não independe desse acolhimento social.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou navegar sobre um tema complexo, escassamente estudado e ainda pouco compreendido pela psicologia. Não foi objetivo do trabalho provar a existência da mediunidade, mas sim mostrar como esse campo se mantém obscuro para a psicologia e, sendo assim, mostrar que até mesmo os psicólogos podem vir a ter dificuldade de falar a respeito do tema.

Esta monografia buscou, ainda, trazer um pouco de luz para o porquê do distanciamento da psicologia em relação a temas ligados à religiosidade e, mais especificamente, à mediunidade. Foi observado que tal fato está intimamente associado ao processo histórico de desenvolvimento da área psi, em contraponto ao que teria explicação de natureza mística ou espiritual. Apenas mais recentemente que se passou a estudar a religião e seus fenômenos sob a luz da psicologia, sem ser por uma via patologizante. Isso também aponta para a perspectiva cultural e social do que é considerado patológico em cada época.

No Brasil, esse processo ocorreu da mesma forma, com a diferença que temos aqui inúmeras religiões mediúnicas que compõem um grande contingente populacional. Ainda, em que pese a tentativa de patologizar todas essas experiências mediúnicas, não há estudos que falem de maior ou menor prevalência de algum transtorno em grupos pertencentes a religiões mediúnicas em comparação com a população geral.

Das mais variadas abordagens da área da saúde mental a respeito da mediunidade, algumas se destacam, a saber: trata-se de uma patologia; não é necessariamente uma patologia, mas um processo psicossocial; não é patológico e abre a possibilidade para a paranormalidade. Seja qual for a teoria, fato é que estudos vem atestando que há uma diferença entre a mediunidade e patologias, em especial por não se apresentarem sintomas patológicos, pelo maior controle das experiências e pelo alto grau de adaptabilidade social (ALMEIDA, 2004).

Além disso, a possibilidade de viver a mediunidade constitui, para a maioria dos médiuns observados nos estudos trazidos neste trabalho, um propósito de vida e algo que os faz buscar constantemente serem melhores dentro de um ideal cristão de moral. Esse ponto é importante como diferencial em relação a patologias, assim como para a própria vida do médium, já que a mediunidade constitui um aspecto central de

sua vida, não raramente, boa parte de sua vida orbita em torno da sua religião, sendo ela uma lente que possui para enxergar o mundo.

A questão da comprovação dos fenômenos também é um ponto central para algumas dessas religiões, em especial da espírita e das religiões de matriz africana. Percebemos essa tentativa de legitimação do fenômeno religioso através dos estudos como uma importante forma de dar significado para seus adeptos e simpatizantes.

Aliás, a questão de dar sentido e significado para as experiências é algo de suma importância, tanto para o paciente, quanto para o psicólogo, que hoje também carece de uma linguagem em que possa expressar suas experiências de forma satisfatória. Logo, consiste em um desafio para o psicólogo e para a psicologia essa escuta de algo que não é possível significar. Na tentativa de significar a experiência mediúnica, é importante também não incorrer em erros de julgamento ou de patologização da experiência do paciente (ALMEIDA, 2004).

No que tange à escuta desse processo, existe uma dificuldade inicial prévia, posto que a psicologia sequer conseguiu, como área de conhecimento, suficientemente entender o tema, de acordo com o que foi discutido. Todavia, a escuta psicanalítica deveria se pautar por ser uma escuta que se abstém de posições prévias e se propõe à escuta do sujeito.

O presente trabalho procurou elaborar como a mediunidade e a psicologia se relacionam, tanto em uma perspectiva histórica, quanto numa perspectiva conceitual. De modo sintético, poderíamos falar que procuramos entender, num primeiro momento, como a psicologia escuta a mediunidade para, em momento posterior, retratarmos os possíveis problemas dessa escuta na clínica.

Entretanto, como a escuta psicanalítica também utiliza associações de significados e deslocamento desses processos, o que observamos é que pode ocorrer uma dificuldade na escuta, já que o conteúdo escutado a respeito da mediunidade, caso ela venha a ser objeto da análise, é justamente o contato com o divino, com a entidade. Tudo isso aponta para a problemática de entendermos como a psicologia pode melhor aprofundar esse tema e como os psicólogos podem melhor compreender o que se passa no sujeito que é médium e que pode vir a necessitar de escuta justamente a respeito desses processos mediúnicos.

Frente a tal demanda, o analista pode se ver em uma situação ímpar: não pode desconsiderar a dimensão do sagrado e considerar tudo conteúdo do médium, porém não tem entendimento suficiente para saber o ponto de uma mediunidade saudável;

também não sabe se está diante de uma patologia, já que é um campo constante do não saber. Outro aspecto é que o analista se vê diante de algo que, para boa parte dos médiuns, constitui o cerne de suas vidas, dando um sentido de propósito. Mais profundamente, poderíamos arriscar dizer que, é a partir da mediunidade, que muitos sujeitos se constituem, percebem-se como sujeitos mediúnicos e, sob essa ótica, enxergam todo o restante.

Seja qual for o modo como o analista perceba a mediunidade do paciente, cabe salientar a necessidade de considerar tal condição algo importante e característico dessa pessoa. Todavia, a própria psicologia, apesar de ter algumas hipóteses a respeito da mediunidade, pouco estuda o sujeito mediúnico, posto que entende ou como patológico, ou como manifestação do próprio médium.

A alternativa encontrada a esse binômio, que não questiona o caráter verídico ou não da mediunidade e que, de alguma forma, encontra amparo na psicologia, é o entendimento do fenômeno mediúnico como algo extremamente ligado ao campo psicossocial e ao campo da cultura. Portanto, interpretada como uma produção de um grupo, que tem seus significados próprios e sua forma de enxergar o fenômeno. Tal compreensão busca, ao mesmo tempo, não confrontar a questão da mediunidade, da qual a psicologia não vem se ocupando, e ter alguma possibilidade de dar significado a esse objeto de estudo. Dessa forma, também o analista estaria frente a uma situação na qual ele próprio poderia ajudar o paciente na busca de sentidos e significados dentro desse campo simbólico do social.

Outra possibilidade de investigação que está a surgir se deve, em larga medida, ao desenvolvimento da ciência e da medicina diagnóstica por imagem, em especial da neuroimagem. Assim, a pesquisa dos fenômenos religiosos utilizando equipamentos de neuroimagem podem contribuir para a explicação desses fenômenos, o que, até então, havia sido pouquíssimo explorado (PERES; NEWBERG, 2013). Entretanto, ressaltamos o caráter multidimensional da mediunidade, conforme aponta Cunha (2013), difícil de ser abarcado pela abordagem de apenas um aspecto; por isso um saber também não seria capaz de amplamente esgotar o fenômeno.

Com este trabalho, esperamos ter colaborado com o enriquecimento do acervo teórico sobre a mediunidade na prática clínica, além de servir de incentivo para que novos estudos a respeito de tal temática sejam realizados, de modo que esse tema, tão importante para boa parte da população, não seja relegado ao esquecimento pela academia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alexander Moreira de. **Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas**. 2004. 205p. Tese (Doutorado em Psiquiatria) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-12042005-160501/pt-br.php>>. Acesso em 20 ago. 2021.

_____.; LOTUFO NETO, Francisco. A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 31, n. p. 132-141, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832004000300003>>. Acesso em 15 jul. 2021.

ALMEIDA, Angélica A. Silva de; ODA, Ana Maria G. R.; DALGALARRONDO, Paulo. O olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 34, p. 34-41, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700006>>. Acesso em 15 out. 2021.

ALVARADO, Carlos S. Fenômenos psíquicos e o problema mente-corpo: notas históricas sobre uma tradição conceitual negligenciada. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 40, n. 4, p. 157-161, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832013000400006>>. Acesso em 10 out. 2021.

_____. *et al.* Perspectivas históricas da influência da mediunidade na construção de idéias psicológicas e psiquiátricas. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 34, n. 1, p. 42-53, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700007>. Acesso em 15 ago. 2021.

BERNARDO, André. Como Allan Kardec popularizou o espiritismo no Brasil, o maior país católico do mundo. **BBC News Brasil**, Rio de Janeiro, 1 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47751865>>. Acesso em 20 ago. 2021.

CUNHA, Welthon Rodrigues. **Transe mediúnico, entre a ciência e a religião**: uma análise sobre as relações entre o espiritismo e a parapsicologia. 2013. 204 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/755>>. Acesso em 20 ago. 2021.

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. 131ª ed. 1ª imp. Brasília: FEB, 2013. Trad. Guillon Ribeiro [tradução da 3ª ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866].

_____. **O livro dos médiuns, ou, guia dos médiuns e dos evocadores**: espiritismo experimental. 71ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Trad. Guillon Ribeiro [tradução da 49ª ed. francesa].

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; FALCÃO, Carolina Neumann de Barros. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, v. 9, n. 15, p. 65-76, jun. 2005. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 out. 2021.

MENEZES JR., Adair; ALMINHANA, Letícia; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Perfil sociodemográfico e de experiências anômalas em indivíduos com vivências psicóticas e dissociativas em grupos religiosos. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 39, n. 6, p. 203-207, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832012000600005>>. Acesso em 20 set. 2021.

MORAES, Silvia Piedade de; ZANATTA, Luiz Fabiano; HUMPHREYS, Rubens Dias. Espiritismo e produção científica no Brasil. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 4, n. 2, p. 144-167, dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/43135>>. Acesso em 24 set. 2021.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Pesquisa em mediunidade e relação mente-cérebro: revisão das evidências. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 40, n. 6, p. 233-240, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832013000600005>>. Acesso em 20 ago. 2021.

_____; CARDEÑA, Etzel. Diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e psicóticas não patológicas e transtornos mentais: uma contribuição de estudos latino-americanos para o CID-11. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 33, n. 1, p. S21-S28, mai. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462011000500004>>. Acesso em 10 out. 2021.

PEREIRA, Ana Julia da Silva; MENGARDA, Celito Francisco; MARQUES, Luciana Fernandes. Psicose, mediunidade e paranormalidade: conexões possíveis. **Interações – Cultura e Comunidade**, v. 9, n. 16, p. 310-329, jul.-dez. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/P.1983-478.2014v9n16p310>>. Acesso em 20 ago. 2021.

PERES, Julio F. P.; NEWBERG, Andrew. Neuroimagem e mediunidade: uma promissora linha de pesquisa. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 40, n. 6, p. 225-232, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832013000600004>>. Acesso em 06 out. 2021.

PIMENTEL, Marcelo Gutão. **O método de Allan Kardec para investigação dos fenômenos mediúnicos (1854-1869)**. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Brasileira) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/513>>. Acesso em 20 out. 2021.

_____; ALBERTO, Klaus Chaves; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. As investigações dos fenômenos psíquicos/espirituais no século XIX: sonambulismo e espiritualismo, 1811-1860. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 23, n. 4, p. 1113-1131, out.-dez. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702016005000010>>. Acesso em 20 out. 2021.

PRANDI, Reginaldo. Cidade em transe: religiões populares no Brasil no fim do século da razão. **Revista USP**, n. 11, p. 65-70, 1991. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/52206>>. Acesso em 16 out. 2021.

QUANTOS SÃO os espíritas no Brasil e no mundo. **ABRADE (Site)**, 08 jul. 2021. Disponível em: <<https://abrade.com.br/quantos-sao-os-espíritas-no-brasil-e-no-mundo/>>. Acesso em 20 ago. 2021.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; CAMPOS, Maria Teresa de Assis. Narrativas desenvolvimentais de médiuns da umbanda à luz do modelo bioecológico. **Estudos & Pesquisas em Psicologia**, v. 17, n. 1, p. 364-385, jan. 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.12957/epp.2017.35213>>. Acesso em 14 set. 2021.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SUZUKI, Sara Miyuki. Mediunidade e desenvolvimento humano: uma investigação com médiuns espíritas de Uberaba-MG, Brasil. **Memorandum – Memória e História em Psicologia**, v. 38, p. 1-23, 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.35699/1676-1669.2021.20549>>. Acesso em 15 out. 2021.

VERGILIO, Silvia Regina; HOLANDA, Adriano Furtado. Analogias e diferenças entre reuniões mediúnicas espíritas e o atendimento em psicologia clínica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 16, n. 2, p. 173-182, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 ago. 2021.

ZANGARI, Wellington; MARALDI, Everton de Oliveira. Psicologia da mediunidade: do intrapsíquico ao psicossocial. **Boletim – Academia Paulista de Psicologia**, v. 29, n. 2, p. 233-252, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2009000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 out. 2021.